

A TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO E SUA INFLUÊNCIA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB: UM OLHAR SOBRE O RACIONAMENTO

Juliana Silva dos Santos ¹; Ana Paula da Silva¹; Bárbara Emily Souza Ferreira ²; José Antônio Vilar³

¹Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, juliantos856@gmail.com;

¹Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, annynhabritto3@gmail.com;

²Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, babylon14@live.com;

²Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, joseantoniovilar36@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A água, em toda sua magnitude, é e sempre foi um recurso de extrema importância para a manutenção da vida. É por meio dela que os seres humanos sobrevivem e encontram formas para desenvolver atividades cruciais para a sua existência sobre o espaço. Em meio a isso, a falta desse recurso que é indispensável à vida, torna-se um problema de imensas proporções que afeta tanto a qualidade de vida dos indivíduos, como também sua possibilidade de expansão econômica perante o meio onde vive.

Não é de hoje que a seca severa castiga o semiárido nordestino, levando sua população a conviver com longos períodos de escassez de água. Nesse sentido, desenvolvem-se medidas que buscam amenizar os problemas oriundos dessa preocupante carência hídrica, trazendo um sopro de esperança para quem está cotidianamente habituado a viver em meio a essa situação.

Tendo em mente a condição em que se encontra o semiárido nordestino, a transposição do Rio São Francisco é um projeto que surge no sentido de suprir necessidades hídricas consideradas emergentes relacionadas ao suporte à vida. “A justificativa para o Projeto de Transposição ora proposto pelo governo federal assenta-se justamente sobre a garantia hídrica referente ao abastecimento humano e animal na região receptora” (CASTRO, 2011, p.14). Logo, pensar à transposição como um mecanismo colaborador da sobrevivência é essencial, sendo imprescindível que as águas provenientes sejam utilizadas de maneira consciente.

Durante a persistente seca, a cidade de Campina Grande aderiu a medidas que se se fizeram necessárias para a contenção do uso inconsciente da água, encontrando no racionamento o caminho para se atingir tal objetivo. Esse racionamento visto por muitos como algo importante para o mantimento das futuras gerações, também é extremamente criticado por não oferecer água diariamente à população, sendo considerada uma medida discutida em duas vertentes. Assim, este

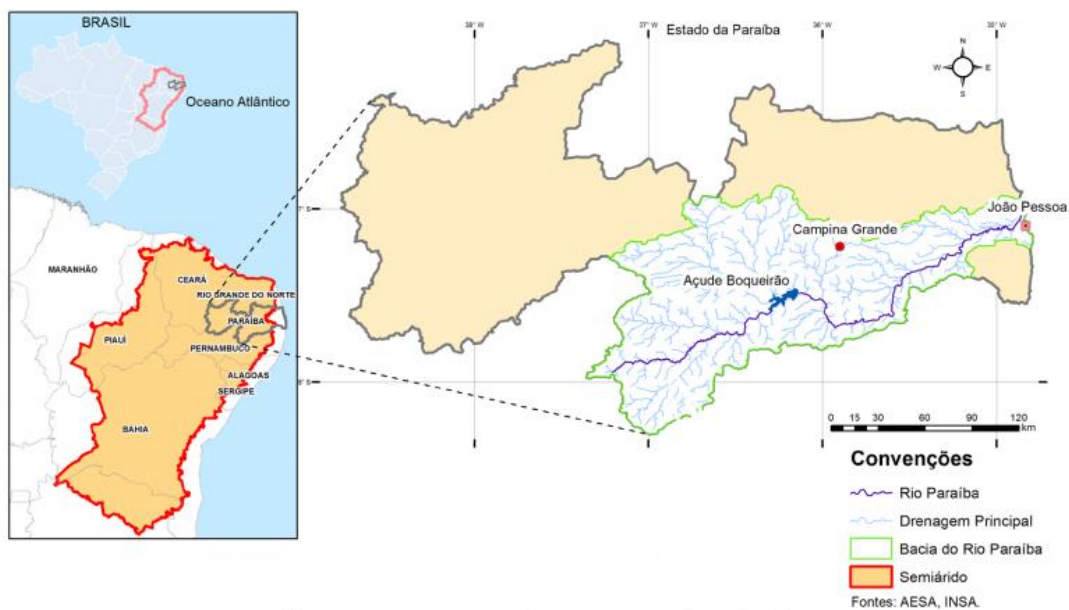


trabalho tem por objetivo identificar como o racionamento influencia no cotidiano da população da cidade de Campina Grande-PB.

METODOLOGIA

O município de Campina Grande localiza-se no Estado da Paraíba, no nordeste brasileiro (Figura 1). “Situa-se no Semiárido brasileiro, nas coordenadas 7º 13’11” S e 35º 52’31” W, com altitudes variando de 337 a 665 m acima do nível do mar e área urbana de 96 km²” (GRANDE et al 2016).

Figura 1. Mapa de Localização do Município de Campina Grande-PB.



Fonte: Grande (et al 2016, p.167) (Adaptado de AESA (2014) e INSA (2014)).

O trabalho foi elaborado a partir de entrevistas formais realizadas com alguns moradores da cidade de Campina Grande-PB, e de estudos existentes que correspondem ao tema proposto. Os entrevistados foram indagados acerca da instauração do racionamento e se concordam com ele, bem como se os dias determinados para o recebimento da água estão sendo devidamente respeitados, uma vez que o racionamento na cidade foi dividido em duas zonas (um e dois), as quais possuem dias diferentes para tal recebimento.

Para contemplar o referido objetivo, fez-se necessário também a realização de um levantamento bibliográfico acerca da temática em questão, esclarecendo qual o papel do racionamento para o

mantimento e dinâmica da cidade, além de uma breve análise da tabela referente às zonas de recebimento de água.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na presente discussão, apresentam-se os resultados obtidos após a pesquisa direcionada ao racionamento no município de Campina Grande-PB. Toda a discussão acerca da influência do racionamento no cotidiano da população é respaldada através das respostas obtidas por meio de entrevistas realizadas com alguns moradores da cidade. Os entrevistados residem nos seguintes bairros: Bodocongó, Tambor, Catolé.

As entrevistas realizadas com os moradores foram de caráter formal, e tiveram grande relevância no contexto deste trabalho, uma vez que foi possível compreender como se dá o funcionamento do racionamento no município, e se a CAGEPA respeita o fornecimento da água para a população nos dias determinados. Dessa forma, a partir da tabela referente às Zonas de abastecimento (Figura 2), fez-se uma discussão objetiva, esclarecendo de que forma essa medida influencia na vida de inúmeros campinenses.

Figura 2. Sistema de abastecimento em Campina Grande-PB

ZONA	LOCALIDADES/BAIRROS	ABASTECIMENTO	OBS:
ZONA 1	Acácio Figueiredo, Ana Amélia, Alameda, Atalaia, Araxá, Bairro das Cidades, Bodocongó (parte), Catolé, Catolé de Zé Ferreira, Catingueira, Chico Mendes, Conjunto Mutirão, Condomínio Dona Lindu (I, II, III e IV), Coteminas, Cruzeiro, Cinza, Distrito de São José da Mata, Dinamérica, Distrito de Santa Terezinha, Distrito dos Mecânicos (parte I), Estação Velha, Itararé, Jardim Vitória, João Agripino, Jardim Paulistano, Jardim Borborema, Jardim Verdejante, João Paulo II, José Pinheiro (parte), Lagoa de Dentro, Liberdade, Malvinas, Mirante, Meu Sonho, Novo Cruzeiro, Nenzinha Cunha Lima e Bonald Filho, Novo Bodocongó, Presidente Médice, Ressurreição, Quarenta, Ramadinha, Sandra Cavalcante, Santa Terezinha, Sonho Meu, Santa Cruz, Santa Rosa, Serrotão, São Januário, Tambor, Três Irmãs, Velame, Vila Cabral de Santa Rosa e Vila Cabral de Santa Terezinha.	A partir, aproximadamente , das 5:00 horas da madrugada das segundas-feiras à meia noite, aproximadamente , das quartas-feiras.	Devido às condições topográficas e da rede hidráulica, os horários de início e término da distribuição, poderão sofrer variações.
ZONA 2	Alto Branco, Bairro das Nações, Belo Monte, Bela Vista, Centro, Castelo Branco, Cuités, Centenário, Cidade Madura, Conceição, Condomínios Residence Privê, Sierra, Atmosfera e Green, Distrito Industrial, Distrito de Galante, Ferraz, Glória, Jenipapo, José Pinheiro (parte), Jardim Continental, Jardim Tavares, Juracy Palhano, Jeremias, Lauritzen, Ligeiro, Louzeiro, Monte Santo, Novo Horizonte, Monte Castelo, Nova Brasília, Palmeira, Prata, Santo Antônio, São José, Pedregal, Sítio Antas, Universitário (Conjunto dos Professores).	A partir das 5:00 horas, aproximadamente , da madrugada das quintas-feiras até às 13:00 horas, aproximadamente , dos sábados.	Devido às condições topográficas e da rede hidráulica, os horários de início e término da distribuição, poderão sofrer variações.

Fonte: CAGEPA, 2016.

No bairro de Bodocongó (que está inserido na Zona I), os moradores relataram que na maioria das vezes os horários direcionados a falta e ao recebimento da água foram respeitados, colaborando para que os mesmos pudessem se organizar e encontrar meios para armazenar a água para os dias em questão, porém, houve semanas em que a água só chegava no dia posterior ao programado, gerando certo incomodo aos moradores. Já no bairro do Tambor (também inserido na Zona I), o fornecimento sempre se deu de maneira normal, com alguns domingos em que esporadicamente ocorria a falta d'água, sendo isso algo que deixa os moradores extremamente satisfeitos.

No bairro do Catolé (igualmente na Zona I), segundo aqueles que residem no local, os dias eram “respeitados”, o qual o sistema determinado era ter água de domingo a quarta, mas só havia o fornecimento durante a segunda-feira. Alguns moradores relataram ter se incomodado de início, mas que conforme o passar dos dias acabaram se conformando com a situação, ficando acuados e sem opção.

Nessa perspectiva, a transposição concretizou-se nesse momento hídrico mais crítico no município, e assim vislumbrou o tão esperado fim do racionamento que diminuiria a enorme preocupação em relação à seca total do reservatório Epitácio Pessoa (responsável pelo abastecimento da cidade). O racionamento chegou a ser suspenso, mas a sua volta está sendo fortemente discutida, principalmente pelo fato da má utilização e desperdício excessivo de água por parte da população.

CONCLUSÃO

Devido ao longo período de escassez hídrica, pelo qual o município de Campina Grande-PB vem passando, é importante ter a clareza de que utilizar o recurso de forma consciente é essencial, visto que garante a sobrevivência dos indivíduos no agora, bem como auxilia as futuras gerações. Compreender que o racionamento não é o vilão também é necessário, concebendo-o como um colaborador para todo o processo, sendo sua concretização uma forma significativa para manter o equilíbrio no uso até que o reservatório encontre-se com a segurança hídrica esperada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGEPA. 2016. Disponível em: < <http://www.cagepa.pb.gov.br/confira-novo-plano-de-acionamento-nas-cidades-abastecidas-pelo-boqueirao/>>. Acesso em: 12 de Setembro de 2017.

CASTRO, César Nunes de. **Transposição do Rio São Francisco**: análise de oportunidade do projeto. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Rio de Janeiro, 2011, p. 1-60.

GRANDE, Maria Helena Del; GALVÃO, Carlos de Oliveira; MIRANDA, Livia Izabel Bezerra de; SOBRINHO, Lemuel Dourado Guerra. **A percepção de usuários sobre os impactos do racionamento de água em suas rotinas domiciliares**. Ambiente & Sociedade. São Paulo v. XIX, n. 41. p. 165-184. 2016

